

Eudoro de Sousa

Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a
Universidade do Porto

COORDENAÇÃO

Celeste Natário

Luís Lóia

Marcus Mota

Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2019

FICHA TÉCNICA

Título: Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto

Coordenação: Celeste Natário, Luís Lóia, Marcus Mota

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-24-8

DOI: 10.21747/978-989-8969-24-8/eud

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1685&sum=sim>

Ordep Serra *

Eudoro de Sousa: A Mítica do Horizonte e a Filosofia

Resumo:

Um dos mais importantes achados contidos no livro *Horizonte e Complementariedade* vem a ser o reconhecimento de um tópos mitológico em suas páginas assinalado pela primeira vez: refiro-me à mítica do horizonte. Eudoro de Sousa foi responsável por destacá-lo, por o designar desta forma e empreender-lhe a exploração teórica, hermenêutica. A abordagem eudoriana deste texto basilar continua atual e provocativa. Concentro-me, pois, no seu exame da cifra do horizonte, tanto no plano da codificação mítica quanto no da codificação filosófica, como ele mesmo diz. Creio que na visão eudoriana essas codificações permanecem irreduzíveis uma à outra: aproximam-se e deixam ver sua proximidade apenas na intangível da linha do horizonte que assim mesmo as separa.

Palavras-chave: Eudoro de Sousa, Horizonte, Mito, Logos, Parménides

Eudoro de Sousa: The Mythical Horizon and Philosophy

Abstract:

One of the most important features that we may find in the book *Horizonte e Complementariedade* is the recognition of an original mythological topography: the mythical horizon. Eudoro de Sousa was responsible for highlighting this designating and undertaking its theoretical and hermeneutic exploration. The Eudorian approach in this fundamental work remains current and provocative. I therefore concentrate on his examination of the cipher of the horizon, both in the planes of a mythic codification and a philosophical codification, as he himself puts. I believe that in the Eudorian view of these codifications remain irreducible to each other: they approach and let them see their proximity only in the intangible line of the horizon that, in anyway, separates them.

Keywords: Eudoro de Sousa, Horizon, Myth, Logos, Parmenides

* Ordep Serra. Universidade Federal da Bahia: ordepserra@gmail.com

Sou imensamente grato aos promotores deste evento internacional que reúne a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto numa bela iniciativa. Em particular agradeço ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da UnB e a meu caro amigo Prof. Dr. Marcus Mota, cujo empenho me possibilitou estar hoje aqui. Devo-lhes a grande alegria de participar deste seminário dedicado à celebração da memória de meu querido mestre Eudoro de Sousa. Muito me desvanece a subida honra de fazer a conferência de abertura de tão nobre simpósio. Desde logo quero exprimir, também, minha alegria por encontrar-me aqui com sábios que muito prezo, alguns que revejo e outros com quem há muito desejava encontrar-me. Saúdo com carinho os colegas lusitanos aqui presentes, meus novos amigos. Ao abraçá-los, dou testemunho de minha gratidão à inteligência portuguesa que iluminou minha juventude. Assim bendigo, mais uma vez, o meu encontro afortunado com as figuras gigantescas de Eudoro de Sousa e Agostinho da Silva, principais responsáveis por minha formação e também por meu amor a Portugal.

De Agostinho da Silva me fiz amigo em Salvador, quando eu era ainda um colegial e acompanhava com entusiasmo suas conferências na Universidade Federal da Bahia, onde ele criou o Centro de Estudos Afro-Orientais e em cuja Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas mais tarde vim a ensinar. Foi graças ao conselho do Professor Agostinho que vim pela primeira vez a esta capital e ingressei na UnB. Quando lhe falei de meu interesse pela cultura dos gregos antigos, ele me disse que aqui em Brasília eu poderia aprender muito com um grande helenista, seu amigo. Assim é que vim a esta cidade para estudar com Eudoro de Sousa e foi com este propósito que ingressei na UnB. Tive aqui bons professores e colegas, convivi com gente de escol, graduei-me em Letras, mas a minha aprendizagem fundamental eu a fiz com o Mestre Eudoro, no Centro de Estudos Clássicos por ele criado. Neste Centro, sob sua orientação, iniciei também minha carreira docente.

Celebrando com saudade o inesquecível mestre, proponho-me tratar nesta conferência de um tema que foi objeto de sua profunda reflexão, um tópico que a rigor ele configurou de forma nova e criativa, na abordagem de uma problemática das mais discutidas no campo da filosofia e de sua história na Antiguidade Clássica. Vale dizer que tratarei de um tema por excelência eudoriano: A Mítica do Horizonte e a Filosofia. Digo-o assim, com os termos dele, para destacar a originalidade do seu enfoque de uma questão

axial para os helenistas, historiadores e filósofos. Mas antes de ensaiar o exame de sua inovadora abordagem de uma tópica tão importante, quero dar meu depoimento sobre o generoso orientador a quem devo a minha formação intelectual.

Foi aqui na querida UnB que o conheci. Com encanto o ouvi falar de sua formação e de seus laços em Portugal, de Leonardo Coimbra e da Escola do Porto; fiquei sabendo por seus relatos de sua experiência francesa: de seus estudos no Saint-Sulpice e de sua atenta frequência do Collège de France; recordo o entusiasmo com que ele evocava sua passagem pela Alemanha, seus diálogos com Karl Jaspers e os seminários de Heidegger a que assistiu. Muitas vezes o ouvi rememorar sua docência na USP e a estreita amizade que o ligou ao filósofo Vicente Ferreira da Silva; sei da importância que ele atribuía a sua participação na chamada Escola de São Paulo. Foi também através dele mesmo que tive notícia de sua experiência frutífera na Universidade Federal de Santa Catarina, onde há coisa de duas décadas estive para celebrar-lhe a memória. Mas o Eudoro de Sousa que guardo comigo é o caro mestre da UnB, onde ele produziu grande parte de sua rica obra, colheu os frutos maduros de seu pensamento, formou uma geração de estudiosos, deixou bem viva sua marca luminosa. Aqui o encontrei e me parece que ainda o vejo iluminando o campus com seus olhos brilhantes, sua energia criativa, seu saber e sua paixão.

Não foram poucas as dificuldades que ele enfrentou ao aceitar o desafio de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, sonhadores que buscaram reunir aqui a nata dos intelectuais atuantes no país, com o fito de encetar uma profunda renovação do ensino superior no Brasil. Eudoro erigiu com sabedoria e vigoroso empenho o Centro de Estudos Clássicos da UnB e lutou muito para mantê-lo como um núcleo autônomo, capaz de servir a diferentes unidades da instituição. De fato, ao CEC acorriam mestres e estudantes de diferentes áreas: não apenas de Letras e de Ciências Humanas, como também de Artes, de Matemática e de Ciências da Natureza. O emérito diretor e seus auxiliares ensinaram em diferentes Institutos da UnB. Os seminários do CEC atraíam discentes e docentes de distintas unidades. Preservar a rica biblioteca especializada que Eudoro de Sousa formou no dito Centro só a muito custo lhe foi possível, durante sua vida; com sua morte, este acervo sofreu severas perdas, segundo mostrou Bruno Borges, incansável pesquisador, hoje o mais zeloso guardião da memória eudoriana. Como se sabe, o núcleo criado com tanto esforço pelo meu caro mestre acabou extinto por um interventor mesquinho que ocupou bisonhamente a Reitoria, onde esteve mais empenhado na censura que na regência da instituição.

O CEC teve uma bela vida, generosa e fecunda, mas efêmera. É que a UnB foi duramente atacada pelo obscurantismo de uma ditadura estúpida como poucas. É preciso lembrá-lo, sim. Testemunhei nada menos que três brutais invasões militares deste campus e numa delas fui detido como suspeito, transportando perigosa apostilas de grego. No período ditatorial, um de meus colegas do CEC, o egiptólogo Emanuel Araújo, chegou a ser preso e amargou uma dura temporada no cárcere; o filósofo José Xavier Carneiro foi arbitrariamente demitido; o latinista Suetônio Valença e eu, então instrutores, tivemos nossas bolsas cortadas e nossas matrículas canceladas sem explicação, quando já estávamos a concluir o mestrado no CEC. O Professor Eudoro de Sousa, que se considerava apolítico, viu-se denunciado por um energúmeno – um parvo, muito invejoso de seu prestígio – e foi submetido a um Inquérito Policial Militar.

Sim, é preciso lembrá-lo, especialmente agora que uma nova onda de obscurantismo turva o país; agora que as universidades públicas brasileiras estão sob ataque cerrado por parte de quem, segundo a lei, as deveria defender; agora que a UnB se vê caluniada como lugar de balbúrdia e covardemente ameaçada por governantes boçais. Neste momento difícil saúdo com amor a minha Alma Mater e reafirmo minha confiança em sua grandeza: tenho fé de que ela sobreviverá ao novo ataque de barbárie e tenho certeza de que seu brilho não se apagará. Muito me orgulho de haver passado por esta magnífica escola de resistência.

Volto agora ao perfil do mestre. Eudoro de Sousa era senhor de uma cultura invejável que ultrapassava os limites de sua especialidade. Montou neste campus um pequeno observatório astronômico e construiu com alunos da área um relógio de sol. Gostava de ler difíceis estudos sobre astrofísica. Um de seus ícones era Werner Heisenberg. Sem embargo, ele estava sempre concentrado em seu campo, que definia com muita largueza, apelando à tradição germânica: gostava de dizer que se ocupava da *Classische Altertumswissenschaft*. Perito em filologia, ministrou também nesta universidade cursos sobre Arqueologia do Egeu e do Mediterrâneo Oriental e História do Livro, entre outros. Seu talento hermenêutico tornava inesquecíveis as discussões que promovia sobre os pré-socráticos, ou sobre os diálogos platônicos; eram luminosas e concorridas suas conferências sobre a tragédia ou sobre a arte minoica. Suas leituras de textos de Sófocles e Eurípides fizeram encher-se o Auditório Dois Candangos.

Os seminários do CEC nem sempre se limitavam a temas relacionados de forma direta com os estudos clássicos: um deles, que o Professor Eudoro dirigiu com assistência

de José Xavier Carneiro, versou sobre a filosofia de de Martin Heidegger e teve como foco o seu ensaio intitulado *Das Ding*. Tenho viva recordação de sessões animadas em que o mestre nos fazia discutir textos de Bergson, Nietzsche, Collingwood, Hegel. Ele tinha a firme convicção de que sem uma sólida cultura filosófica é impossível tratar das grandes criações da Antiguidade greco-romana.

Quem assistiu suas aulas e palestras não as esquece. Mesmo ao tratar de temas muito complexos, o Professor Eudoro prendia a atenção dos ouvintes e os tinha em suspenso do princípio ao fim. Seu temperamento apaixonado o fazia sentir as ideias, vivê-las. Era seu modo de ser, muito espontâneo. Guardo calorosa lembrança dos diálogos que travamos extra classe: ele estava sempre disposto a ensinar, a discutir, a refletir.

Durante um bom tempo fui seu interlocutor mais próximo. Li em primeira mão muitos de seus artigos e ensaios: praticamente todos os que foram publicados no *Dioniso em Creta*. De seu magnífico *Horizonte e Complementariedade* fui o primeiro crítico. Num seminário reservado (com meia dúzia de participantes, entre os quais o Professor Rôndalves de Melo e Sousa, que também foi seu aluno), travamos um debate cordial a respeito deste livro que considero sua obra prima. Para responder a meus questionamentos, Eudoro escreveu o *Sempre o mesmo acerca do mesmo*, um curto ensaio em que os reproduz. Meu caro Mestre chegou a dizer-me um crítico implacável. Mostrei que no corpo do ensaio em questão ele afirmou mais de uma vez a complementariedade de mitologia e filosofia. No Prefácio (que, como todo o mundo, ele escreveu por último) já deixava de lado essa tese. O mestre ficou surpreso. A contradição apontada o incomodou. Mas ela significava progresso: dá-se que ao concluir o livro ele já avançara para uma nova posição. Estava certo em fazê-lo, como hoje reconheço. E o salto dado no prefácio em nada diminui o valor de seu ensaio, a que volto aqui com renovado entusiasmo.

Começo por sublinhar um seu achado importante no campo da mitologia, tornado possível graças à sua extraordinária perícia de intérprete, à sutileza e ao discernimento com que ele analisava os mitos. A propósito, quero assinalar uma coincidência curiosa.

Eudoro de Sousa quase não tomou ciência da obra de Lévi-Strauss. Leu um texto da *Anthropologie Structurale* que eu lhe apresentei, a saber, o Capítulo XI deste livro, na verdade um artigo publicado pela primeira vez em 1955, no *Journal of American Folklore*, vol. 77, n. 270: trata-se do famoso escrito em que o sábio francês faz uma primeira apresentação de sua abordagem dos mitos e toma como objeto de análise

justamente o mito de Édipo. Eudoro não se impressionou. Como outros helenistas, achou logo falhas no recorte das versões. Não voltou a interessar-se pela obra do grande antropólogo, de que nada mais leu. Pouco tempo depois, seu antigo aluno da Universidade Federal de Santa Catarina, Pedro Agostinho, disse-lhe que seu artigo “Variações sobre o tema do ouro”, incluído no *Dioniso em Creta*, era um modelo de análise estrutural de mitos. Eudoro sorriu mas não se importou muito com esta observação. Mais tarde eu mesmo pude comprovar o acerto de Pedro Agostinho com uma pequena experiência. Num curso de Antropologia da Religião que ministrei a estudantes de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, onde, nessa altura, Pedro Agostinho também ensinava, dei a ler a meus alunos o “Variações sobre o tema do ouro”. Todos foram unânimes em considerar esse texto um belo exemplo de análise estrutural. Pouco tempo depois Pedro repetiu minha experiência com seus discípulos e obteve o mesmo resultado.

A meu ver, a coincidência deve-se ao fato que Eudoro era dotado de rara sensibilidade e perícia no trato da matéria mítica, uma das maiores qualidades do genial antropólogo francês. Não vejo outra explicação, considerando que do ponto de vista teórico quase nada aproxima os dois pensadores.

Em um artigo que publiquei no vol. 11/12 n. 11/12 da revista *Classica*, em 1998, fiz um breve confronto entre a posição de Lévi-Strauss e a de Eudoro de Sousa no tocante à mitologia grega. De acordo com Lévi-Strauss, os mitos gregos “fazem sua própria análise estrutural” e chegam ao ponto em que a fronteira mítica vem a ser ultrapassada. Na teoria do mestre estruturalista essa ultrapassagem seria uma possibilidade inerente às míticas de todo o mundo, mas só aconteceu uma vez, justamente na Grécia Antiga. Por que, ele não diz. Alega o puro acaso, o azar da história. Subentende-se o velho mote do milagre grego.

Outro pressuposto que rege a tese levistraussiana é um dogma positivista, a lei dos três estados. Está implícita a noção de uma passagem histórica do mito para a filosofia e é fácil presumir que desta finalmente se devia chegar à ciência. No ponto de partida temos uma mudança gratuita. A extraordinária passagem era possível, sempre foi, a qualquer momento da história; mas só uma vez ocorreu, num domínio cultural preciso, por algum motivo que não se percebe, logo de modo inexplicável.

Já Eudoro de Sousa nega que tenha acontecido propriamente um trânsito, que haja caminho vom *Mythos zum Logos*, conforme ele disse uma vez, parafraseando com branda ironia o título de um livro famoso de Wilhelm Nestle. Lembrava sempre que mito e

filosofia conviveram no mundo antigo e mais além dele – no Ocidente cristão, por exemplo. Por outro lado, dizia o nosso helenista que a mitologia grega de fato é singular, ainda que ricos paralelos possam ser traçados entre seus conteúdos e o de muitas outras. Lembro-me de uma vez em que ele exprimiu essa ideia de forma dramática, perturbadora, com uma provocação que deixou assombrados seus alunos. Logo no início de uma aula muito esperada, o Mestre anunciou, peremptório: “Vou dizer uma barbaridade: *Não existe mitologia grega.*” Depois de saborear o espanto dos ouvintes ele explicou com um sorriso: “O que chamamos com este nome é uma *intepraetatio graeca* de mitos pré-helênicos”. Em seguida evocou a tese sustentada por Martin Nilsson em seu famoso *The Mycaenian Origin of Greek Mythology* e relacionou em apoio do que dissera outras obras eruditas nas quais se aponta o legado de diferentes povos na composição do acervo mítico dos gregos antigos. Eis por que, segundo ele frisava, a mitologia dos helenos envolve desde o princípio um certo estranhamento, uma diferença que a fez conatural da filosofia, sem que essa congenialidade as tenha jamais confundido.

Talvez seja possível ilustrar a tese eudoriana parodiando um famoso dito de Aristóteles na *Metafísica*: evoco a passagem em que o Estagirita afirma terem tanto a *philomítia* como a *philosophia* brotado do espanto, do *thaumázein*. Para a ilustração do que nosso helenista afirmava, bastaria acrescentar que a mítica acolhida pelos gregos foi para eles um *thâuma*, algo estranho e admirável, que desde logo os encantou.

Mas passo agora ao ponto que desejo destacar.

Um dos mais importantes achados contidos no livro *Horizonte e Complementariedade* vem a ser o reconhecimento de um *tópos* mitológico em suas páginas assinalado pela primeira vez: refiro-me à mítica do horizonte. Eudoro de Sousa foi responsável por destacá-lo, por o designar desta forma e empreender-lhe a exploração teórica, hermenêutica. É por aí que principia o livro *para o leitor*. Digo “para o leitor” por uma boa razão: o Mestre Eudoro revelou-me ter começado a escrever esta obra magnífica por outro ponto, a saber, com o estudo que na publicação corresponde ao parágrafo 50, e fica 76 páginas adiante da primeira. O trecho da arrancada corresponde a uma análise percuciente do Poema Físico de Parmênides.

A abordagem eudoriana deste texto basilar continua atual e provocativa. Primeiro ele se concentra na discussão do fragmento 8 (na edição de Diels Kranz), em cujos últimos versos, como ele diz muito bem, se encontra a *charneira da “Via da Verdade” e da “Opinião dos Mortais”*. Adverte logo que qualquer tradução do trecho pressupõe uma

tomada de posição preliminar do intérprete quanto à relação entre as partes do poema – e em seguida o demonstra comparando quatro traduções dessa passagem crítica, lavradas em diferentes línguas modernas (português, francês, inglês e alemão). Assim evidencia e explica a diferença das escolhas, que mostra relacionadas com pressupostos distintos.

Não cabe aqui discutir o procedimento exegético de que o Mestre Eudoro se vale antes e depois de ter confirmado o imperativo da hipótese preliminar: isso exigiria um estudo especial. Basta referir seu pressuposto, assumido com firmeza, isto é, sua convicta defesa da unidade de composição interna do poema do Eleata. Neste fundamento se apoia sua leitura inovadora da Doxa e do Proêmio, que mostra articulados com a exposição central da Via da Verdade.

Os parágrafos 57-9 de sua obra são decisivos neste sentido. Destaco o parágrafo 58., em que ele religa a Doxa ao Proêmio com um vínculo que os enlaça ao núcleo expositivo da Via da Verdade – e confirma assim a coerência interna do poema, sua irrecusável unidade: “As três partes são-no, efetivamente, de um todo, que por sua vez o não seria, eliminada que fosse qualquer delas”. Daí ele arremata (ibidem, p. 90-1): “se é manifesto que há um arranque existencial para a ‘mitologia do horizonte’, tão manifesto é que, em Parmênides, do mesmo problema existencial arranca a ‘metafísica do Ser’. E o ponto de arranque, acrescenta ele ainda, é a morte, a corrupção”.

Concluída essa análise o sábio intérprete avança para uma releitura de textos capitais de Empédocles e de Platão, preparando o caminho para uma abordagem singular de Heráclito, que destaca no seu desenho panorâmico do pensamento inaugural dos antigos helenos. Muito longe me levaria a tentativa de acompanhá-lo em sua ousada exposição desse panorama. Apenas destaco sua audácia, bem visível, por exemplo, na insólita aproximação de Parmênides e Heráclito.

Volto daqui ao ponto que elegi como eixo de minha breve fala. Começo sublinhando um dado significativo: a cifra que Eudoro de Sousa destacou como um signo matricial presente nos mais profundos estratos do pensamento grego, ele a advertiu primeiro em campo filosófico: detectou-a no arrojado poema parmenídeo, fonte da ontologia, para depois encontrá-la nos domínios do mito – onde o Eleata com certeza a divisara, segundo ele presume. Acompanhando o mestre, convém dirigir agora a nossa atenção para o famoso Proêmio. Tendo em vista não só sua forma como sua ligação com as demais partes do poema, cabe dizer que aí o texto filosófico arranca do mito, decola dele, depois de o transformar de maneira radical. Torna-se necessário refletir sobre o gesto

poético que possibilita essa decolagem. Eudoro de Sousa mostrou bem a relação do trecho do dito prelúdio com a história de Faéton, cujo sentido o Eleata inverteu. Com razão ele acatou esta correspondência, já assinalada por Walter Burkert em um famoso artigo publicado em 1969 no número 14 da *Phronesis* (*Das Proömion des Parmenides und die Katabasis des Pythagoras*), mas rejeitou a sugestão do precedente aventado pelo mesmo sábio.

Peço vênica para dar aqui minha tradução do belo fragmento 1 do *Peri Physeos* do Eleata:

*As éguas a levar-me pra onde o desejo impele,
na trilha multifária transportam-me, na senda
do nune que em tudo guia o homem que viu a luz.
Levado fui, em carruagem de éguas
sagazes. E Donzelas mostravam o caminho. Faúlhas
o eixo tirava dos cubos, e som de siringe
surdia, pela pressão das rodas paralelas.
Deixando o reino da Noite, as Filhas do Sol
rumo da luz impeliam-me, véus a despir com as mãos.
Pórticos há das sendas da Noite e do Dia
com umbral e dintel de pedra. Dos etéreos batentes
detém chaves alternas Dike, rica em tormentos.
Serenaram-na as Moças com melífluas palavras
e logo a convenceram a remover das portas
as trancas. Um abismo escancarou o vão
dos magnos batentes, consoante o giro
dos brônzeos eixos nos cubos encaixados
em cavilhas, com pregos. As Damas pela via
assim franca fizeram passar éguas e carro.
Propícia a Deusa saudou-me, tomou-me a destra
na sua e estas palavras me dirigiu então:
Salve, moço que arribas com imortais aurigas
por éguas transportado! Sina ruim não foi
a que longe te trouxe das trilhas dos humanos,
mas sim Têmis e Dike. Cumpre que tudo conheças:*

*o intrépido coração da verdade bem redonda,
e as opiniões dos mortais, que vera fé não firma.
Também tens de aprender como dos pareceres
teve de ser a voga que ora perpassa tudo.*

Resumo as observações do Mestre Eudoro: Parmênides percorre o caminho do Sol bem acima das sendas dos homens (Hélios é o *daímon* evocado no verso terceiro); o carro é puxado por éguas sagazes, que bem conhecem o caminho (de Oriente a Ocidente) e sempre alcançam a meta de seu desejo. As Helíades deixam as moradas da noite e mostram o caminho, cuidando de que o *koûros* não se desvie nem tombe no percurso, como sucedeu a Faéton. O moço que viu a luz foi tornado sábio, tal e qual um eopota, protegido por sua iniciação. A viagem se dá além horizonte.

Desde este ponto cabe retornar ao que é o começo do livro *para o leitor*. Eudoro de Sousa aí realiza uma espécie de exposição fenomenológica em que a cifra do horizonte é examinada e clarificada, a partir de um exame da percepção ingênua do remoto linde e do manejo simbólico que o mito lhe dá, conferindo-lhe um sentido muito rico. Então o horizonte aparece ao mesmo tempo como limite, fronteira inacessível, ponto de encontro de Céu e Terra (ou seja das “metades” aparentes do cosmo), portanto um divisor e suporte, um traço de união, ao tempo que por isso mesmo sugere a passagem para um mais além da experiência humana. Abre-se aqui o espaço fenomenal para a construção de um símbolo. Mesmo para quem tem muito claro que a inacessibilidade do horizonte se origina do simples fato de que nos deslocamos em um esferoide, a vivência cotidiana do inatingível que esse fenômeno propicia é um dado concreto impossível de ignorar e essa condição mostra-se propícia a erigir a aparência assim vivenciada em significante, torná-la uma cifra, como ocorre no plano do mito. Neste campo originário dá-se ainda um avanço lógico: a “fronteira” assim percebida como barra onde Céu e Terra se “tocam” sem confundir-se pode dar-se a pensar como *limes* e *limen*: limite para o campo da experiência – portanto uma fronteira vital - e limiar, passagem para uma dimensão transcendente.

O mito realiza esse desdobramento quando evoca a façanha de figuras excepcionais, deuses ou heróis, que vão além do humano, ultrapassam a fronteira inatingível por mortais comuns. Ora, outra figura inegável dessa fronteira é a morte. Por aí a cifra do horizonte se torna mais um plano de catábase. Eudoro de Sousa bem o

percebeu e fez de modo agudo a conexão que venho de referir. Por isso mesmo ele optou por definir a catábase de modo elástico, aliás o mais conveniente às abordagens da história e da etnologia. Do ponto de vista semântico, etimológico, *katábasis* aponta para baixo. No uso dos estudiosos de mitologia, sobretudo daqueles que se dedicam à pesquisa das religiões mediterrâneas, o termo se firmou como designativo das narrativas míticas de viagens ao mundo dos mortos com subsequente retorno, ou seja, viagens ao sem retorno de que um personagem extraordinário todavia retorna. Ora, na Grécia Antiga, assim como na Antiga Mesopotâmia, o reino dos mortos era geralmente figurado como um domínio subterrâneo, *inferno* na acepção original da palavra. Mas nem sempre isso acontece em distintos espaços culturais. Nas minhas pesquisas antropológicas entre os índios xinguanos recolhi narrativas míticas de viagens de heróis dos Kamayurá ao mundo dos mortos, que para esse povo – e para os xinguanos em geral – fica não abaixo, mas acima da terra, nas alturas do céu. Mesmo na Grécia Antiga o reino sombrio podia situar-se não nas profundezas ctônicas, mas no extremo Ocidente, como recordará de imediato o leitor da Odisseia. E niguém negará que a Nekuya do Canto XI deste grande poema é uma catábase.

Eudoro de Sousa trata como catábases as narrativas de transposição do horizonte e estende o conceito a um ponto tal que o torna mais rico, referindo-se assim a todo empreendimento mítico (ou filosófico) de ultrapassagem dos limites da experiência humana. Nesta perspectiva pode-se classificar como catábase a viagem de Fausto ao reino das Mães, de incerta topografia. Recorde-se a indicação de Mefisto no Segundo Fausto (versos 6275-6): “Versinke, denn! Ich könnte auch sagen: steige! ‘s ist einerlei.”

Do referido gênero mítico creio que podem considerar-se próximas histórias todavia simétricas, como a do mesopotâmio Etana, marcada por dois índices: a ascensão do herói ao domínio dos deuses e sua involuntária recusa da imortalidade. Com efeito, depois da sobrehumana aventura o herói acadiano teve de resignar-se à morte, experimentando, ainda que de forma não violenta, a frustração de Faéton. Ele e o filho desastrado de Hélios assinalam o plano catastrófico que vem a ser o polo negativo da aventura nas narrativas de ultrapassagem *ascensional* do limite humano. Na margem oposta cabe situar as histórias de queda ou recaída na vida breve.

De certo modo o semidivino Gilgamesh se assemelha a Etana, embora sua trajetória se dê em diferente plano: o herói de Uruk viaja até o extremo da terra e ultrapassa as Águas da Morte; vai além dos limites do ecúmeno em busca da vida perene,

que quase alcança, mas por fim perde. Na Grécia lhe corresponde Hércules, o herói que fez a grande travessia, também pela trilha do Sol, rumo a Ocidente, ou mesmo na taça do Titan. O *koûros* do poema parmenídeo bem que o imita, na carruagem sem dúvida solar, guiado pelas helíades

Na sua perquirição Eudoro de Sousa considera ricas imagens do horizonte, entre elas a figura de Oceano, e estuda o *Weltbild* da Teogonia para desvelar o sentido desta cifra mítica. Analisando o poema hesiódico, ele mostra como o mito subentende que para além do intangível limite de sua separação “Céu e Terra permanecem unidos, ainda são uma forma só”: aí reside o que ele caracteriza como “o mistério do horizonte”, cujo “fascínio” e cuja imensa “espessura existencial” assinala repetidas vezes. A indiferença das dimensões que só opostas podemos perceber constitui um inapreensível que todavia é preciso postular, tendo em mente a origem. Não por acaso em sua interpretação do Proêmio do Poema de Parmênides Eudoro de Sousa se vale da linguagem do mistério: fala do ousado viajante, aquele que sabe, aquele que viu a luz, como um eopta. Esta a sugerir neste ponto algo como uma transposição intelectual do mistério.

Nas últimas páginas deste extraordinário livro o Mestre Eudoro apela a outra analogia para traduzir o sentido da cifra que examina. É quando faz apelo ao princípio da complementariedade, às teses da Escola de Copenhage e sua interpretação filosófica ensaiada por Ferdinand Gonseth em 1948 e depois por ele mesmo, Eudoro de Sousa, num estudo publicado em 1959. Mas trata-se de uma analogia de que sua tese não depende. Concentro-me, pois, no seu exame da cifra do horizonte, tanto no plano da codificação mítica quanto no da codificação filosófica, como ele mesmo diz. Importa aqui tornar ao ponto crítico da relação assim postulada entre mito e filosofia. Creio que na visão eudoriana essas codificações permanecem irreduzíveis uma à outra: aproximam-se e deixam ver sua proximidade apenas na intangível da linha do horizonte que assim mesmo as separa.

Eudoro de Sousa nunca reclamou o título de filósofo. Em nossos últimos diálogos ele já dizia que não se via assim e que o projeto da filosofia chegara a seu limite. Cedeu então à tese heideggeriana e à sugestão da espera de um novo pensamento. Por fim passou a dizer que fazia outra coisa, que estava fazendo *mitologia*. Não tenho aqui como tratar dessa novidade, do sentido dessa declaração enigmática. E devo dizer que neste ponto discordo do mestre. Segundo penso, a filosofia é como o Cristo de Unamuno, sua agonia a faz perene. O vigor do pensamento eudoriano dá alento novo a quem busca a seara

filosófica que ele cultivou e onde colheu excelentes frutos. Com esta lembrança, e com muita saudade, saúdo mais uma vez o meu caro mesre Eudoro de Sousa, o inspirado filósofo do horizonte.